

# SEÇÃO SEXO: INVESTIGANDO MODOS DE PRODUÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NUMA REVISTA ADOLESCENTE

## SECTION SEXO: INVESTIGATING PRODUCTION METHODS OF FEMALE SEXUALITY IN A TEEN MAGAZINE

Benícia Oliveira da Silva<sup>1</sup>  
Paula Regina Costa Ribeiro<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho procede da dissertação de mestrado “Adolescências ‘caprichadas: modos de produção da sexualidade feminina”, que tinha como objetivo investigar como os discursos presente na seção **Sexo** da revista CAPRICHÓ interpelam a adolescência feminina, em especial suas sexualidades. Este estudo está fundamentado no campo teórico dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, além de algumas proposições de Michel Foucault. A análise da rede de discursos presentes na seção **Sexo** possibilitou perceber o quanto essa seção vem atuando como um espaço em que as adolescentes confessam sobre as formas de viver suas sexualidades e o quanto os saberes e os conhecimentos acerca desta temática estão atribuídos às ciências e às vozes às quais foram conferidas a autoridade e a capacidade de falar a respeito do assunto. Assim, a partir de discursos científicos, a revista CAPRICHÓ através da seção **Sexo** institui “verdades” sobre os modos que as adolescentes devem viver suas sexualidades.

**Palavras-chave:** Seção **Sexo**, revista CAPRICHÓ, adolescência, sexualidade, artef. culturais.

### ABSTRACT

This paper results from the dissertation “Adolescências ‘caprichadas: modos de produção da sexualidade feminina”, which had the objective of investigating how the discourse presented at the section **Sexo** at CAPRICHÓ magazine examines the female adolescence, especially their sexuality. This study is theoretically grounded in the field of Cultural Studies and its post-structuralist derivation, besides some Michel Foucault's proposals. The analysis on the discourse network presented at section **Sexo** made it possible to realize how much this section has been acting as a space where teenage girls confess their ways of living their sexualities and how much the knowledge on this theme is attributed to the sciences and to the voices to whom authority and capacity to talk about this issue were granted. Thus, the magazine, through its section **Sexo** institutes “truths” on the ways that adolescents must live their sexualities.

**Keywords:** Section **Sexo**, CAPRICHÓ magazine, adolescence, sexuality, cultural artifacts.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: [beniciasilva27@hotmail.com](mailto:beniciasilva27@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: [pribeiro@vetorial.net](mailto:pribeiro@vetorial.net).

Este trabalho procede da dissertação de mestrado intitulada “Adolescências ‘Caprichadas’: modos de produção da sexualidade feminina”, cujo objetivo era analisar a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, buscando investigar como os discursos desse artefato interpelam a adolescência feminina, em especial suas sexualidades.

A seção **Sexo** foi analisada em diferentes vieses tendo como fundamento o campo teórico dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas. A partir desta perspectiva teórica sustento as discussões realizadas neste trabalho, bem como os entendimentos de cultura, sexualidade, adolescência, artefatos culturais, verdade, poder, entre outros.

A escolha pelas temáticas deu-se a partir da análise do conjunto de 27 (vinte e sete) seções **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, analisadas no período de agosto de 2008 a agosto de 2009, nas quais emergiram as seguintes temáticas: a seção **Sexo** enquanto um confessionário; a produção de discursos e saberes acerca da sexualidade feminina adolescente a partir de discursos cientificistas de profissionais instituídos como autorizados a falar sobre o tema e a revista CAPRICHÔ enquanto um artefato cultural no espaço da sala de aula.

Neste contexto os seguintes aspectos foram analisados:

- A seção **Sexo** vem atuando como um espaço no qual as meninas adolescentes confessam sobre as formas de viverem suas sexualidades. Dessa forma, reconhecemos a seção **Sexo** como um importante instrumento de confissão, no qual as meninas revelam sobre suas sexualidades a si próprias, as editoras e as demais leitoras. As análises foram discutidas a partir de três eixos: *Eu, leitora, confesso: sou hetero e meu “namo” é um menino*; *Eu, leitora, confesso: meu corpo*; e *Eu, leitora, confesso: tabus e mitos acerca das sexualidades femininas e masculinas*.

- Os saberes acerca da sexualidade adolescente feminina são produzidos a partir de um discurso cientificamente “oficial” assinado por psicólogos/as, ginecologistas, terapeutas sexuais e sexólogos/as, ou seja, sujeitos aos quais foi conferida a propriedade dos saberes sexuais, instituindo como “verdadeiros” os discursos divulgados na seção. A partir dessa análise foi possível observar a incitação e a produção de saberes acerca da sexualidade a partir de práticas de confissão e autoexames atrelados a uma *scientia sexualis*.

- A seção **Sexo** enquanto um artefato cultural, percebendo que o uso da revista como uma ferramenta na prática pedagógica de ensino e aprendizagem possibilita a abordagem de assuntos como cuidados com o corpo, gravidez não planejada, relacionamentos, doenças sexualmente transmissíveis (DST), etc., articulados a um contexto sócio-cultural, oportunizando, assim, pensar numa educação para a sexualidade para além do currículo escolar.

## **CORPUS DE ANÁLISE – A SEÇÃO SEXO DA REVISTA CAPRICHÔ**

A revista CAPRICHÔ foi criada em 1952. O público alvo da revista nem sempre foi de leitoras adolescentes; esse foco começa a surgir em 1985, quando a revista adotou o slogan “A Revista da Gatinha”. Desde então, embora tenham ocorrido mudanças gráficas, no formato e na faixa etária do público alvo, em seu histórico (HISTÓRIA, 2010), a revista deixa evidente que seu conteúdo é feito para leitoras adolescentes do gênero feminino.

O sucesso da revista CAPRICHÔ é inegável e sua perpetuação responde a qualquer dúvida em relação a sua popularidade. Segundo dados da própria, a revista CAPRICHÔ

[...] é a maior marca teen do país! É uma das únicas marcas teen, do mundo, a assinar revista, site, eventos e produtos variados com liderança absoluta em cada uma dessas plataformas. São 200 mil revistas por mês (com crescimento de 41% na circulação em 2008), 20 mil meninas em seus eventos de moda e música, quase 8 milhões de produtos licenciados vendidos no ano (underware, maquiagem, perfume, agenda etc.) e a maior

audiência e time spent entre sites para jovens meninas (PUBLICIDADE, 2009).

A seção **Sexo** caracteriza-se como um espaço quinzenal, presente na revista *CAPRICHÔ* desde junho de 2006, no qual são discutidas questões relacionadas a momentos antes, durante e depois do sexo.

Essa coluna, desde sua criação, apresenta o mesmo formato, sendo produzida com a participação das leitoras no site da revista. Acessando o site, as adolescentes podem se inscrever e participar com seus comentários ou opinar em enquetes sobre questões acerca da temática que intitula a seção.

Para a produção da dissertação, foram analisadas um total de vinte e sete seções **Sexo**, correspondendo ao período de agosto de 2008 a agosto de 2009. As análises foram centradas nos títulos das seções, nos bate-papos e nas dicas e comentários.

Analisando as seções, percebemos que, nesse espaço, as meninas confessavam suas intimidades, seus prazeres, seus medos, suas dúvidas e que, através das dicas e comentários dos especialistas, recebiam aconselhamentos de como deveriam agir em determinadas situações. Assim, identificamos uma rede discursiva, na qual discursos acerca da sexualidade feminina adolescente eram produzidos e divulgados, ensinando às leitoras da revista uma forma de viverem suas sexualidades.

## TRAJETÓRIA TEÓRICA

Os Estudos Culturais têm origem britânica, sendo inicialmente institucionalizados em 1964, no *Center for Contemporary Cultural Studies*<sup>3</sup>, da Universidade de Birmingham (COSTA, 2004), caracterizando-se por ser um campo de estudos em que diversas disciplinas interagem para estudar os processos de produção cultural da sociedade contemporânea.

Desde a década de sessenta, quando o Centro de Estudos Culturais foi fundado por Richard Hoggart, inspirado em sua pesquisa intitulada “As utilizações da cultura” (1957), o eixo principal da pesquisa dos Estudos Culturais é “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como, suas relações com a sociedade e mudanças sociais” (ESCOSTEGUY, 2011, p. 2).

A partir de então, os Estudos Culturais têm suas análises centradas na cultura, entendendo-a “como um campo de luta em torno da significação social” (SILVA, 2009, p. 133), visando problematizar a distinção entre a “alta cultura” – tradicionalmente representada pelas artes clássicas, como literatura, pintura, música e pela filosofia – e a “cultura popular”, também chamada de “baixa cultura” ou “cultura de massa” – representada por práticas populares, vivenciadas pelas “pessoas comuns”.

Para Silva (2009), a cultura é

[...] um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder (p. 134).

Portanto, a cultura está vinculada a relações de poder, a partir das quais se estabelecem os significados que se tornam culturalmente relevantes a um determinado grupo social.

A partir disso, compreende-se que todo conhecimento, constituído por um processo de significação, é cultural e está imbricado a relações de poder. Partindo dessa perspectiva, os Estudos Culturais consideram seus objetos de análise como artefatos culturais, posto que esses

---

<sup>3</sup> Centro de Estudos Culturais Contemporâneos.

resultem de processos culturais. Nesse sentido, esse campo ocupa-se da análise de múltiplas instâncias, instituições, práticas e processos culturais – cinema, livros, televisão, publicidade, música, revistas, ciências – os quais procedem de produções sociais.

Os artefatos culturais citados acima contêm pedagogias culturais que ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e (re)produzindo significados. A denominação do termo “pedagogia cultural” é justificada por Steinberg, ao entender que a educação ocorre

[...] numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc. (STEINBERG; KINCHELOE, 2001, p. 14).

Dessa forma, identificamos a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, enquanto um artefato cultural no qual pedagogias culturais são instituídas, ou seja, a partir de práticas discursivas, saberes, conhecimentos, significados e representações acerca da sexualidade adolescente feminina são colocados em circulação, ensinando às leitoras a forma como devem viver suas sexualidades. Neste sentido, estou entendendo pedagogia

[...] como todas aquelas práticas e discursos implicados em relações de poder e de significação que, ao construírem conhecimentos, desejos, valores, encontram-se implicadas na constituição das identidades/subjetividades (RIBEIRO, 2002, p. 78).

Pesquisar a seção **Sexo** – e também a revista CAPRICHÔ – como artefatos culturais, parte do entendimento de que são produções culturais, “resultado de um processo de construção social” (SILVA, 2009, p. 134) – textos, peças publicitárias, imagens, músicas, conteúdos da *internet* (*sites* diversos como, por exemplo, os de relacionamento), videoclipes, charges, revistas, jornais, programas televisivos e radiofônicos – que, inseridas a um determinado contexto cultural, produzem significados acerca de determinados conhecimentos, possibilitando múltiplas formas de pertencimento. Para Silva (2009, p. 139), “sob a ótica dos Estudos Culturais todo conhecimento, na medida em que se constitui num sistema de significação, é cultural. Além disso, como sistema de significação, todo o conhecimento está estreitamente vinculado com relações de poder”.

A partir desses entendimentos, a seção **Sexo** coloca em circulação algumas representações acerca das sexualidades adolescentes femininas. Esse processo de circulação dá-se a partir da cultura e na cultura, isto é, ao mesmo tempo em que a seção **Sexo** ensina às leitoras um modo de viverem suas sexualidades, esse modo culturalmente aprendido passa a ser reproduzido pelas meninas em suas falas durante os bate-papos na seção **Sexo**. Dessa forma, nesse “circuito da cultura”<sup>4</sup>, diversos significados sobre a sexualidade adolescente feminina vão sendo produzidos, fixando representações acerca das identidades adolescentes femininas.

Segundo Rosa Fischer (1996, p. 123), em nossa atualidade, a mídia pode ser pensada “como uma espécie de lugar de superposição de ‘verdades’”; isso ocorre devido à ampla capacidade de circulação e alcance que os discursos produzidos e divulgados pelos meios midiáticos têm, além de que, quando divulgados, esses discursos tendem a ter suas forças de efeitos multiplicadas. Nesse sentido, as meninas leitoras da revista CAPRICHÔ, ao

---

<sup>4</sup> A expressão “circuito da cultura” é utilizada a partir de Hall (1997, p. 3-4). Segundo o autor “os significados são produzidos em diversos lugares” e circulam “através de diversos processos ou práticas”, caracterizando o circuito da cultura.

reproduzirem os discursos presentes na seção **Sexo**, atribuem às falas presentes na revista o caráter de “verdade”. Assim, as sociedades vão estabelecendo os locais privilegiados a multiplicarem discursos de “verdade” aos quais é atribuída a eficácia do poder. Nessa pesquisa, podemos identificar a seção **Sexo** e também a revista **CAPRICH** como um desses locais, inferindo que as práticas culturais configuram formas de poder, ou seja, “a cultura é um jogo de poder” (SILVA, 2009, p. 134).

É importante ressaltarmos que, na perspectiva a partir da qual produzimos esta pesquisa, falamos de “poder” a partir das proposições de Michel Foucault. Para o autor, o poder não tem um ponto central de origem e nem está relacionado à violência, posto que esta atue sobre um corpo submetendo-o à passividade, negando qualquer possibilidade de resistência. Ao contrário da violência, “lá onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 2007, p. 105), o poder não está relacionado a uma ação direta sobre um corpo. O poder articula-se a partir de relações de poder, na ação sobre a ação do outro, sem que isso institua binarismos – opressor/oprimido, forte/fraco. Nas relações de poder deve-se, segundo Foucault,

[...] supor que as correlações de força múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições, servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social [...] É nesse campo das correlações de força que se deve tentar analisar as relações de poder (Ibid., p. 104-107).

Nesse sentido, a partir dos pressupostos aqui apresentados e “ao colocar o poder no centro das significações” (VEIGA-NETO, 2004, p. 40), dentre as múltiplas categorias que os Estudos Culturais elegem como questões de pesquisa – nacionalidade e identidade nacional, raça, etnia, pedagogia, gênero (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2008) – elegemos, neste trabalho, a questão da sexualidade como um dos principais tópicos de análise na produção do mesmo. Portanto, nos encaminhamos a apresentar os entendimentos acerca desta temática.

A sexualidade é estabelecida por Foucault (2007) como um “dispositivo histórico”, isto é, ela é uma invenção socialmente, historicamente e culturalmente construída a partir de múltiplos discursos e práticas sociais que instauram saberes, regulam e normatizam os sujeitos através da produção de “verdades” acerca do sexo.

Ao falar em sexualidade a partir do “dispositivo de sexualidade”, Foucault quis demarcar

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (2008b, p. 244).

Segundo o autor, “o sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir da nossa espécie, nossa ‘verdade’ de sujeito humano” (Ibid., p. 229). Dessa forma, a partir de discursos de “verdade” sobre os sexos dos sujeitos, a sexualidade tem sido regulada e normalizada.

Os mecanismos de poder que atuam sobre a produção de nossas sexualidades, ligando o sexo à “verdade”, não são uma novidade contemporânea. Nesse sentido, Foucault discutiu que, a partir do fim do século XVII, o sexo foi colocado em discurso e há três séculos tem se constituído como um objeto de “verdade”. Para Foucault (2007), a *ars erotica* e a *scientia sexualis* caracterizam dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo.

A *ars erotica* foi desenvolvida nas civilizações orientais tais como China, Japão, Índia, Roma e as nações árabe-muçulmanas. Nela, a verdade sobre o sexo era “extraída do próprio prazer” (FOUCAULT, 2007, p. 65), não estando vinculada a qualquer utilidade nem a prescrições morais ou verdades científicas. Embora o discurso sobre o sexo fosse abundante nessas sociedades, não se tinha como propósito estabelecer uma ciência sobre o sexo; o que importava era a intensidade do prazer, sua qualidade e duração.

A civilização ocidental desenvolveu outro meio de falar a verdade sobre o sexo. A partir do século XIX, desenvolveu a *scientia sexualis*, a partir da qual “temos ou tentamos ter uma ciência sexual” (FOUCAULT, 2010, p. 61), ou seja, um discurso científico sobre a sexualidade das pessoas. A partir da *scientia sexualis*, visava-se controlar o corpo e o sexo dos homens e mulheres, e para isso foram desenvolvidos procedimentos em forma de poder-saber para fazer-se falar a verdade sobre o sexo. A confissão é o principal procedimento que, ao longo dos séculos, tem sido central, nessa ciência do sexo, na produção de saberes sobre o sexo. Dessa forma, a confissão, nas sociedades ocidentais, é considerada uma das técnicas mais importantes de produção de verdades.

Foucault entende por confissão os “procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito” (2008b, p. 264). É na confissão que se ligam a verdade e o sexo e, assim, a partir das técnicas de confissão e de discursividades científicas, tem se estabelecido a produção da verdade sobre nossas sexualidades.

Assim, a *scientia sexualis* é um dispositivo de sexualidade, uma tecnologia que fala sobre sexo, produz verdades e discursos científicos sobre ele. Nessa ciência, o sexo é objeto de conhecimento e, nela, podemos identificar uma ciência-confissão que, através de procedimentos técnicos, incita os sujeitos a falarem e a confessarem “verdades” não apenas a quem está se confessando – o ouvinte, mas também a si mesmo, ao próprio sujeito que fala; sendo assim, a confissão tem efeitos sobre o próprio sujeito que se confessa.

Na seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, foi possível identificar a produção de “verdades” acerca da sexualidade a partir da articulação de uma “ciência-confissão”. Pois, profissionais das áreas da Psicologia, da Sexologia e da Ginecologia são os responsáveis a assinar as dicas e comentários a respeito das discussões realizadas nas seções. Além de que a seção **Sexo** seja completamente caracterizada como um espaço de confissão, em que através dos bate-papos, as meninas confessam suas sexualidades às editoras, às leitoras e a si próprias.

A partir dessa articulação “ciência-confissão”, que vemos presente na seção **Sexo**, é que podemos observar de que forma os saberes acerca das sexualidades adolescentes femininas vão sendo produzidos nesse artefato. O que vemos é uma pedagogia da sexualidade sendo colocada em prática, uma pedagogia “sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre eficiente e duradoura” (LOURO, 2007b, p. 17).

Neste estudo interessamo-nos em analisar como os discursos produzidos por essa pedagogia da sexualidade vêm interpelando a sexualidade das meninas adolescentes. Desta forma, julgamos importante elucidar a partir de qual entendimento estamos falando em adolescência.

Tomaremos o entendimento de adolescência a partir de Raquel Quadrado,

[...] como uma construção que se dá a partir dos discursos de diversos campos – biologia, psicologia, sociologia, história, antropologia, entre outros – e de diversas pedagogias culturais – programas de TV, jornais, revistas, músicas, propagandas, filmes, festas, etc. – que, ao representarem a

adolescência, estão indo além de dizer ou mostrar o que é ser adolescente, estão ativamente produzindo essa etapa da vida e atuando, também, na produção de identidades (2006, p. 28).

Dentro da perspectiva em que estamos transitando, podemos dizer, então, que a adolescência é uma invenção produzida discursivamente, assumindo um caráter social, cultural e histórico.

Compreender a adolescência como “uma etapa marcada por conflitos e crises ‘naturais’ da idade, por tormentos e conturbações vinculados à emergência da sexualidade [...] que ocorreria necessariamente em qualquer condição histórica e cultural” (OZELLA, 2003, p. 9), condiciona socialmente a construção de uma adolescência universal, configurando concepções “a fim de poder definir como são os/as adolescentes e o que fazer com eles (elas)” (SOARES, 2000, p. 153), efetuando formas de controle, ditando o que é ou não “normal” no âmbito da adolescência.

A adolescência como um período de latência social emergiu a partir da sociedade capitalista, devido a questões de extensão no período escolar – devido à demanda tecnológica – e o ingresso tardio dos jovens no mercado de trabalho constituído (KAHHALE, 2003, QUADRADO, 2006).

Esse período de espera, de afastamento das responsabilidades “ditas” de adultos, vai sendo produzido por uma rede de discursos que vão engendrando a adolescência sob diversos aspectos. Um desses discursos é o do campo da biologia, que produz uma abordagem essencialista e determinista, com ênfase nas mudanças corporais, na produção de hormônios e nas diferenças físicas entre meninos e meninas. Nessa perspectiva, a adolescência seria uma fase da vida biologicamente determinada, vivida de forma homogênea por todas as pessoas, independente da cultura a que pertençam (QUADRADO, 2006, p. 28).

Dessa forma, a adolescência é “descrita” a partir de significados culturalmente e historicamente produzidos.

Assim, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, tanto a sexualidade quanto a adolescência são construções discursivas, nas quais a produção de significados tem caráter social, histórico e cultural. Neste sentido, entendemos a seção **Sexo**, da revista CAPRICHÔ, como um processo cultural de produção e intercâmbio de significados.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...**

A seguir, são traçados alguns entendimentos e posicionamentos que configuram a produção deste trabalho:

A partir das análises realizadas foi observado que os significados divulgados acerca da temática sexualidade na seção **Sexo** operam como uma espécie de manual tanto de autoajuda, quanto de autoexame. A partir de um ritual de confissão, as meninas confessam suas sexualidades – nesse momento, a revista assume o papel de amiga, à qual tudo pode ser revelado – em seguida, suas confissões são comentadas por especialistas no sentido de auxiliá-las a compreenderem suas experiências, produzindo entendimentos a partir dos quais, as leitoras, ao se identificarem, vão tendo suas identidades demarcadas. Dessa forma, a questão da confissão permeia toda a produção deste trabalho.

Partindo do pressuposto que a revista CAPRICHÔ é destinada ao público adolescente feminino, em todas as seções **Sexo** analisadas, a heterossexualidade configurava a única possibilidade de relação sexual. Essa constatação pode ser observada em todos os aspectos da seção: nos títulos “**Ele** está pelado! Como encarar o **garoto** quando ele tira a roupa?”, “Me

toque! Você já passou a mão **nele**?”, “**Ele** sabe tudo... Mas eu não! O que fazer quando o **cara** tem muito mais experiência que você?”; nas falas das leitoras e editoras durante os bate-papos “... É preciso muito intimidade com o **menino**...”, “... a mãe **dele** já nos pegou assistindo...”, “... onde vocês acham que **eles** gostam de ser tocados?”; nas dicas e comentários dos profissionais “... é normal ficar com um **menino** e ter vontade de passar a mão **nele**...”, “... tente conversar com o **cara** e divida com **ele** todas as suas dúvidas...”; e nas imagens que ilustram.

Segundo Fischer (1996, p. 162), “não há sutilezas: vivemos um tempo em que tudo deve ser dito e, em dizendo, nos dispomos a ouvir a palavra da normalização”. Dessa forma, o que é dito sobre relacionamento na seção **Sexo** está fixado num modelo tradicional que, ao ser (re)produzido nesse artefato, reforça a legitimidade da conduta heterossexual, “esses significados estabelecem representações dominantes de sexualidade através das quais a prática sexual de cada pessoa será recompensada ou castigada conforme delas se aproxima ou se afasta” (GOELLNER, 1999, p. 139).

A questão da heterossexualidade é, mais especificamente no subtítulo “Eu, leitora, confesso: sou hetero e meu “namo” é um menino”, discutida partindo de um entendimento que os saberes acerca da sexualidade são (re)produzidos fundamentados num discurso reprodutivo, a partir do qual a relação heterossexual é tida como “normal”. Dessa forma, ao contemplar apenas as relações heterossexuais na seção **Sexo**, a revista **CAPRICH** legitima essas relações, bem como a identidade heterossexual como norma.

Foi observado que muitos saberes e entendimentos acerca das sexualidades, dos corpos, dos gêneros e das identidades femininas e masculinas ainda são discutidos como mitos e tabus. A partir de falas como “Se eu gostar do menino, finjo”, “Medo é quase o sobrenome do sexo”, “Meninos têm mais facilidade em sentir prazer”, “Acho que para eles qualquer lugar está valendo. Eles estão loucos para fazer”, “Além desses medos, também tem a encanação de fazer algo errado e o cara não curtir”, “Nenhum menino me pediu pra pegar ‘lá’” e “mico é se surpreender com o tamanho do negócio do garoto”, foi possível desencadear uma série de discussões. A primeira questão observada foi a demarcação de dicotomias entre meninos e meninas – inseguras/seguros, românticas/não românticos, submissas/dominadores – que ao serem divulgadas na revista, reforçam atribuições e comportamentos ditos como “naturais” de meninas e meninos. Outra questão analisada foi a presença, nas falas das meninas, de discursos que fixam o mito de que as meninas fazem “sexo por amor” e assumem a posição do “sexo frágil”. A partir das falas analisadas foi possível observar que as meninas vivem suas sexualidades em função do que elas pensam sobre os meninos. Seus sentimentos, seus comportamentos, seus desejos, seus prazeres estão diretamente ligados a sua constituição de mulher feminina que se deu a partir do gênero masculino. E a última questão analisada foi o mecanismo do “tabu do objeto” atuando na seção **Sexo**. Observou-se que, embora seja possível falar sobre sexualidade nesse espaço, nem tudo pode ser dito e isso inclui os órgãos sexuais que, para “escapar” de mecanismos de regulação do discurso, tanto as adolescentes quanto as editoras que participam da seção representam as genitálias como “negócio”, “lá”, entre outros. Deste modo, percebe-se que o corpo, enquanto objeto de uma sexualidade, em muitos momentos ainda é abordado a partir de entendimentos míticos e mesmo que falemos sobre nossos desejos e prazeres ainda existem restrições que por vezes colocam a sexualidade e o sexo como algo privado, que deve ser desvendado.

Outra questão analisada foi a colocação do sexo em discurso numa revista adolescente feminina, tendo como foco, a produção e divulgação de “dois tipos de textos – dos que se confessam e dos que interpretam as confissões, a partir de um certo campo de conhecimento” (FISCHER, 1996, p. 85). Neste momento da pesquisa, foram analisados os discursos de verdade que são produzidos acerca da sexualidade adolescente na seção **Sexo**,

problematizando o quanto os saberes acerca da sexualidade estão vinculados a uma *scientia sexualis* que é legitimada a partir de um discurso cientificamente “oficial” assinado por psicólogos/as, ginecologistas, terapeutas sexuais e sexólogos/as. Nesse contexto, problematiza-se, a partir das dicas e comentários da seção **Sexo**, a produção de discursos “verdadeiros” acerca da sexualidade, a partir da articulação de uma “ciência-confissão”. Além disso, foi analisado o mecanismo disciplinar e o regulamentar, operando na seção **Sexo**, pois a partir da análise de dados que apontam um alto índice de circulação da revista CAPRICHÔ, inferimos que, embora a revista interpele individualmente cada leitora, os discursos divulgados nesse artefato têm amplo alcance, isto é, ao mesmo tempo que os discursos presentes na revista participem na produção de uma leitora – corpo individual – todo um público de adolescentes – corpo social – ao qual a revista se destina também é interpelado e produzido por esses discursos. Também foram observadas as posições de sujeitos assumidas pelos especialistas que assinam as dicas e comentários. Os/as psicólogos/as e terapeutas são chamados/as a “responder” questões comportamentais, relacionadas situações e sentimentos sobre namoro e primeira relação sexual. Os/as sexólogos/as também são convocados/as sobre a primeira relação, porém as questões estão mais voltadas ao prazer e à intimidade. E os/as ginecologistas são chamados/as a falar sobre o corpo e sobre os órgãos genitais.

As análises realizadas identificaram a revista CAPRICHÔ como uma pedagogia cultural que produz e divulga significados acerca da temática sexualidade que, além de informar e entreter, pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica de ensino, possibilitando, a partir da seção **Sexo**, a inserção de temáticas e discussões que estão ou não contempladas no currículo escolar – diferenças entre os corpos e os gêneros masculinos e femininos, cuidados com o corpo, gravidez não planejada, relacionamentos, DST/Aids, métodos contraceptivos, abuso sexual, relações sexuais, aborto, maternidade e paternidade na adolescência, intimidade, desejos, prazeres – aproximando os conteúdos às experiências dos/as alunos/as, possibilitando pensar numa educação para a sexualidade para além do currículo escolar, ou seja, uma educação engendrada a um contexto sócio-cultural.

Neste ponto, discute-se que, assim como os artefatos que compõem o currículo escolar – PCN e livros didáticos – a revista CAPRICHÔ também multiplica discursos cientificistas, porém, ao falar sobre sexualidade na seção **Sexo**, ela possibilita estabelecer relações entre uma materialidade biológica e experiências das formas como as adolescentes vivem seus prazeres, desejos e sentimentos. Nesse sentido, o uso da seção **Sexo** na sala de aula possibilita problematizar a temática sexualidade com outros entendimentos além dos da *scientia sexualis*.

Então, a partir das análises realizadas, identificamos, na seção **Sexo** uma pedagogia cultural, que, através de uma rede discursiva, ensina às adolescentes como viverem suas sexualidades. Dessa forma, esse artefato institui às suas leitoras identidades e sexualidades “caprichadas”, pois, ao demarcar um único modo de ser, viver e sentir a sexualidade, a revista delimita um público específico, determinando a existência de apenas um único tipo de adolescente.

Mas, além disso, esse artefato oportuniza pensarmos e problematizarmos a sexualidade não somente pelo viés de uma ciência sexual, possibilitando entender, pelo âmbito da sexualidade, o que estamos dizendo quando nos declaramos sujeitos produzidos historicamente, socialmente e culturalmente. Nossas sexualidades não escapam a essa produção, visto que o que nos constitui sexualmente vai além de funções e materialidades biológicas. Somos mais do que órgãos, hormônios e uma espécie com finalidades reprodutivas. Somos, além de corpos, pessoas constituídas por múltiplos prazeres, sensações, linguagens, representações, desejos, identidades, crenças, medos, ansiedades, sentimentos, uma infinidade de coisas que experienciamos em nossas vidas e discursos que nos interpelam a todos os momentos, o que nos afasta da ideia de fixar e universalizar os sujeitos, pois, numa

rede discursiva, nossa posição jamais é fixa ou instável, “jamais ocupamos um mesmo lugar” (VEIGA-NETO 2004, p. 57).

## REFERENCIAS

CAPRICHIO. Disponível em:

<[http://app.arquivo.abril.com.br/texto\\_integral\\_abril/pesquisaConteudo.do](http://app.arquivo.abril.com.br/texto_integral_abril/pesquisaConteudo.do)>. Acesso em: 22 ago. 2009.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: \_\_\_\_\_; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 13-36.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, 1998, p. 1-11. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3014/2292>>. Acesso em: 28 jan. 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297 p. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 79 p.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 176 p.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. 26. ed. São Paulo: Grall, 2008b. 295 p.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e Poder. In: \_\_\_\_\_. *Coleção Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 56-76.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. 1999. 174 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: london/Thousand Oaks/New Delhi, 1997, p. 1-73.

HISTÓRIA da Capricho. Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/clube/historia.shtml>>. Acesso em: 2 nov. 2010.

KAHHALE, Edna Maria S. Peters. Gravidez na adolescência: orientação materna no pré-natal. In: OZELLA, Sérgio (Org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 91-101.

LOURO, Guacira. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007b, p. 7-34.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 7-38.

OZELLA, Sérgio. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 7-13.

PUBLICIDADE Abril. Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=9>>. Acesso em: 27 nov. 2009.

QUADRADO, Raquel Pereira. *Adolescentes: Corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo*. 2006. 129 p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2002. 125 p. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Bioquímica – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SEXO, Seção. In: CAPRICO, Revista. São Paulo: Abril, ago. 2008/ago. 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 156 p.

SOARES, Rosângela. Adolescência: monstrosidade cultural? *Revista Educação & Realidade, Produção do corpo*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2000. p. 151-159.

STEINBERG, Shirley Ruth; KINCHELOE, Joe L. (Org.) *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 415 p.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema....* 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 37-69.